

EDUCADORAS TEODORENSES: ENTRELAÇANDO VIDAS E FORMAÇÃO DOCENTE

Eider Ferreira Santos¹

Orientadora: Dra. Maria de Fátima Berenice da Cruz²

Resumo: O presente projeto objetiva investigar histórias de vida e formação de professoras do município de Teodoro Sampaio, dando ênfase à educação recebida na família e na escola, entendendo como estes espaços sociais contribuíram para a constituição da trajetória de vida dessas mulheres como educadoras no contexto teodorenses. Para tal, fazem-se os seguintes questionamentos: De quais maneiras a educação familiar e escolar contribuíram/contribuem na/para formação de mulheres como educadoras, nos seus fazeres pedagógicos, no contexto do município de Teodoro Sampaio? De quais modos essa formação influencia em sua identidade docente? Pesquisa de abordagem qualitativa com enfoque na investigação de histórias de vida através do método (auto)biográfico, tendo como instrumento entrevistas narrativas com as professoras estudadas e/ou com familiares, bem como os arquivos pessoais e outros documentos, inclusive das instituições por onde as pesquisadas tenham passado. Instrumentos esses, amparados pela Resolução 466/2012, que dispõe sobre a pesquisa com seres humanos. Nesse sentido, busca-se problematizar, nesse primeiro momento, algumas questões em torno da formação docente a partir dos aportes teóricos da crítica cultural, de modo que novas possibilidades possam ser trazidas à tona.

Palavras-Chave: Educadoras. Histórias de vida. Formação.

INTRODUÇÃO

Educadoras teodorenses: entrelaçando vidas e formação docente surgiu a partir do meu ingresso como membro do GEPHEG-Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Educação e Gênero. O grupo possui caráter interdisciplinar e interinstitucional envolvendo a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), a Universidade do Estado da Bahia (UNEB-Campus II) e a Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB), núcleo de Itapetinga, e desenvolve a pesquisa intitulada Educadoras Baianas: saberes e experiências de práticas pedagógicas de professoras da educação básica, pesquisa essa aprovada e financiada pelo CNPQ.

A partir do meu contato com o grupo de pesquisa e com as discussões a respeito das relações entre educação e gênero comecei a refletir sobre alguns aspectos concernentes a gênero, educação e formação. Anteriormente a isso, porém, comecei a notar que há um grande contingente de mulheres imersas na carreira do magistério, seja na educação básica ou superior, e que no contexto do município de Teodoro Sampaio-Ba, minha cidade natal, essa realidade não é diferente.

Nesse contexto, surgiu então desejo de pesquisar histórias de vida de professoras a partir do projeto *Educadoras Teodorenses: entrelaçando vidas e formação docente* cujo objetivo é investigar

¹ Mestrando no Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II. Endereço eletrônico: eiderferreira@hotmail.com.

² Docente no Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II. Endereço eletrônico: fatimaberenice@terra.com.br.

histórias de vida e de formação de professoras do município de Teodoro Sampaio, dando ênfase à educação recebida na família e na escola, problematizando como esses espaços sociais contribuíram/contribuem na/para a constituição da trajetória de vida dessas mulheres como educadoras no contexto teodorenses.

Busca-se entender o que levou essas mulheres a escolher a docência como profissão, problematizar como a educação recebida na família e na escola contribuíram/contribuem na constituição da identidade subjetiva dessas professoras e tensionar de que maneira a educação recebida na família e na escola influenciou/influencia na identidade docente dessas mulheres.

Tal investigação é de grande relevância por buscar problematizar a trajetória de vida e formação dessas mulheres a partir das narrativas de cunho memorial que, na contemporaneidade, se apresentam como importante espaço de compreensão de si, como meio legítimo de conhecer-se. Tal exercício contribui significativamente para a valorização da trajetória de mulheres na carreira do magistério, ao tempo que contribui para o empoderamento dessas profissionais.

Ao mesmo tempo é preciso pensar a formação como um processo que se dá bem antes do ingresso nos cursos de profissionalização, seja na vida escolar, ou em outros espaços formativos. “Dessa forma, a abordagem biográfica prioriza o papel do sujeito na sua formação, o que quer dizer que a própria pessoa se forma mediante a apropriação de seu percurso de vida, ou do percurso de sua vida escolar” (BUENO, 2002, p. 22).

Caminhando na mesma direção Josso (2004) afirma que as histórias de vida tornam-se lugar para a compreensão da formação do profissional docente, pois todas as histórias particulares, sejam da infância, das aprendizagens, ao serem trazidas a tona “sinalizam que ser humano é também criar as histórias que simbolizam nossa compreensão das coisas e da vida” (JOSSO, 2004, p. 43). Fazer o sujeito, nesse caso as professoras, trazerem suas experiências, acaba proporcionando às mesmas não apenas contar o que a vida lhe ensinou, mas “o que se aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida” (JOSSO, 2004, p. 43).

Desse modo, a contemporaneidade se apresenta como tempo de valorização das experiências e das subjetividades e, ao mesmo tempo, oportuniza às profissionais da educação “refazer seus próprios percursos, e a análise dos mesmos têm uma série de desdobramentos que se revelam férteis à instauração de práticas de formação” (BUENO; *et al*, 1993, p. 308).

Segundo Vianna (2001) a docência se constituiu como uma profissão predominantemente feminina, afinal, desde o século XX é grande a presença de mulheres no exercício do magistério.

Pouco a pouco essas mulheres que estavam, em grande parte no ensino primário, começam a adentrar nos diversos níveis e modalidades de ensino.

Todavia, mesmo com essa presença maciça de mulheres no âmbito educacional, durante muito tempo poucas foram as abordagens entre gênero e trabalho. Isso porque insistiam em ver a escola como uma esfera perpassada quase exclusivamente por diferenças de classe, desconsiderando dimensões como gênero, geração e etnia/raça” (VIANNA, 2001, p. 88).

Nesse sentido, o exame do magistério sob a ótica das relações de gênero se apresenta como algo recente e, ao mesmo tempo, bastante sedutor porque “apresenta reflexões interessantes sobre diversos aspectos: trabalho e identidade docente, formação, currículo, construção do magistério, organização docente, entre outros temas” (VIANNA, 2001, p. 88).

Por essas razões e levando-se em consideração o protagonismo feminino no contexto da educação brasileira, bem como a importância das histórias de vida como fonte de compreensão das dimensões da vida, especialmente no que se refere ao contexto escolar, lugar da diversidade, faz-se necessário pesquisar as histórias de vida e formação de professoras e chega-se aos seguintes questionamentos: De quais maneiras a educação familiar e escolar contribuíram na/para formação de mulheres como educadoras, nos seus fazeres pedagógicos, no contexto do município de Teodoro Sampaio? De quais modos essa formação influencia em sua identidade docente?

Na tentativa de responder tais questionamentos lança-se mão do método (auto)biográfico, tendo como instrumento de pesquisa, entrevistas narrativas com as professoras estudadas e/ou com familiares, amigos e ex-alunas dessas profissionais.

Nesse primeiro momento, entretanto, lança-se mão das discussões e métodos da crítica cultural que tem sido base para o amadurecimento da discussão aqui empreendida e para a observação de outros aspectos que podem ser explorados no decorrer da pesquisa.

ENTRELAÇANDO HISTÓRIAS DE VIDA, FORMAÇÃO DOCENTE E O MÉTODO CRÍTICO CULTURA

Nas linhas que se seguem apresenta-se uma reflexão a respeito da problemática até aqui empreendida, tendo como lastro principal as discussões promovidas na disciplina Metodologia da Pesquisa em Crítica Cultura, as quais serviram para mobilizar questões outras em tono da problemática de pesquisa, bem como um olhar diferenciado para as questões a serem problematizadas; um olhar que seja panorâmico ou metodologicamente rizomático, fugindo de toda forma de pensar verticalizada como defendem Deleuze e Gattari (1995) em Rizoma. Uma produção do conhecimento que fuja de uma origem linear, onde qualquer ponto pode ser conectado a

também qualquer outro ponto, não fixando-se, não havendo ponto e nem ordem definida: “ um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais” (DELEUZE; GATTARI, 1995, p. 5).

O pensar rizomático nesse caso é de crucial relevância, afinal é o único modo de pensar os diferentes aspectos propostos nesse estudo, afinal discutir história de vida de professoras envolve questões de gênero, formação e espaços onde as mesmas foram formadas, o que certamente, resultará numa teia de informações que fogem de apenas uma área de conhecimento ou da produção de conhecimento disciplinar, pois o pensar rizomático traz consigo o princípio da multiplicidade, ou seja, da inexistência de unidade. É sempre uma trama, não existindo pontos ou posições definidas: “Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas.” (DELEUZE; GATTARI, 1995, p. 5). Apenas desse modo será possível o entrelaçamento entre histórias de vida e formação, o que do ponto de vista disciplinar e positivista seria impossível.

Um dos recursos para que isso aconteça é a própria linguagem, pois é por meio dela que toda experiência vem à tona. Um dos primeiros aspectos que merece ser discutido é a (rea)propriação da experiência problematizado por Agamben (2005). É necessário trazer à tona as experiências dos sujeitos, nesse caso das professoras pesquisadas, pois segundo o autor há uma incapacidade do homem moderno de traduzir os acontecimentos em experiência e não uma má qualidade da vida contemporânea. Em tempos anteriores não havia nada de extraordinário, afirma o autor, mas o cotidiano “constituía a matéria-prima da experiência que cada geração transmitia à sucessiva” (AGAMBEN, 2005, p. 22). É preciso, nesse sentido, incentivar as professoras pesquisadas à pensar seu próprio cotidiano e, ao mesmo tempo, torna-lo matéria prima para a produção de conhecimento.

Isso, por sua vez, resultará na valorização da experiência como fator de relevância para a produção de conhecimento que, durante muito tempo foi substituído pelo experimento. Para Agamben (2005), essa expropriação da experiência esteve relacionada ao projeto de ciência moderna, em certo sentido, porque a mesma transferiu a noção de experiência para a de experimento e, por isso, aos instrumentos e aos números, deixando a experiência completamente fora do homem, o que resultou, na verdade, na perda do valor da “experiência tradicional”.

O problema da experiência, resvala em questões relativas a linguagem porque somente por meio da linguagem é que o homem constrói o seu lugar, sua percepção: “é na linguagem que o sujeito tem a sua origem e o seu lugar próprio, e que apenas na linguagem e através da linguagem é possível configurar a percepção transcendental como um *eu penso*” (AGAMBEN, 2005, p. 56). É na linguagem que o homem se constitui como sujeito e, portanto, é através dela que ele constrói sua

história e, por isso, sua experiência. Desse modo, as histórias de vida tornam-se um meio das professoras pesquisadas não apenas rememorar sua formação enquanto sujeito e profissional, mas acima de tudo como uma meio de apropria-se de sua experiência para produzir conhecimento e, ao mesmo tempo, utilizar-se da linguagem como estratégia para reinventar novos conceitos e sentidos.

Pensar a linguagem do ponto de vista de Agamben (2005) é esvaziar todos os sentidos já fixados e, como uma criança, estar livre dos sentidos estabelecidos para, com liberdade, propor novos rumos à produção do conhecimento. É por meio dessa mesma linguagem que será possível repensar as questões em torno da noção de formação docente que, desde sempre, tem sido considerada apenas do ponto de vista formal, acadêmico, desprezando-se todas as demais vivências, experiências e subjetividades dos sujeitos, especialmente as subjetividades do ser feminino e sua profissionalização.

É por meio da linguagem que será possível perseguir os rastros, os indícios da formação, ou seja, aquilo que há muito não foi notado para que possam ser trazidos à tona, de forma a se gerar novos sentidos e contribuições, pois como afirma Ginzburg “[...] é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis [...]” (GINZBURG, 1989, p. 144), de modo que “[...] os nossos pequenos gestos inconscientes revelem nosso caráter mais do que qualquer atitude formal, cuidadosamente preparada por nós” (GINZBURG, 1989, p. 146). As histórias de vida são esses sinais que precisam ser detectados e trazidos à tona nas cenas da formação docente.

Cabe, pois, um repensar do termo *formação*, afinal “um obstáculo epistemológico se incrusta no conhecimento não questionado” (BACHELARD, 1996, p. 19) para, então, desmontar a ideia que se têm do termo, gerando uma *(de)formação* desse sentido fixado para que novas possibilidades possam ser trazidas à tona, ou seja, pensar, por exemplo, uma *(re)formação* (propor uma reflexão a respeito da formação de si, causando uma reterritorialização) para, então, resultar numa *(trans)formação* (formação em sentido novo e plural, rizomático).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faz-se necessário, portanto, ampliar as discussões em torno das questões relativas a formação de mulheres enquanto educadoras, levando-se em consideração não apenas os aspectos formais, escolarizados e institucionalizados dessa formação, mas também as contribuições da educação familiar como campo de formação identitárias do sujeito enquanto ser subjetivo e suas contribuições ao “ser profissional”.

Nesse íntere, o método (auto)biográfico, através das narrativas de si, torna-se de crucial relevância no desenvolvimento de tal investigação, pois através de suas narrativas as professoras pesquisadas poderão rememorar os aspectos de sua formação docente, fazendo elas mesmas seu percurso formativo, ao mesmo atempo que oportunizarão a si resignificarem suas histórias e formação enquanto mulheres no exercício do magistério.

Por fim, cabe destacar a importância das teorias e discussões da crítica cultural como um método de relevância para o tratamento adequado dos eventos que surgirão no decorrer da pesquisa, de modo que os mínimos aspectos antes escamoteados possam ser trazidos à tona para serem problematizados, resignificados, gerando novos sentidos em torno da noção de formação de mulheres enquanto educadoras.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Infancia e história: ensaio sobre a destruição da experiência. In: AGAMBEN, Giorgio. *Infancia e história: ensaio sobre a destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: UFMG, 2005, p. 19-78.

BACHELARD, Gaston. A noção de obstáculo epistemológico: plano da obra. In: *Formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 17-28.

BUENO, Belmira Oliveiro. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. In: *Revista Pesquisa e Educação, USP*, 2002, p. 11-30.

BUENO, Belmira Oliveira; et al. *Docência, memória e gênero: estudos alternativos sobre a formação de professores*. In: *Revista Psicologia USP: São Paulo*, 1993, p. 299-318.

DELEUZE, Gilles; GATTARI, Félix. Rizoma: introdução. In: *Capitalismo e esquizofrenia*. Ed. 34, 1995, p. 1-18.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 1989, p. 143-275.

JOSSO, Marie-Christine. As experiências ao longo das quais se formam identidades e subjetividades. In: *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004, p. 37-46.

VIANNA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. In: *Cadernos Pagu*. 2011, p. 81-103.